

## "Continuar a ler Paulo Freire ajuda-nos a entender o presente"

### A Pedagogia Social na construção de um altermundo

#### Entrevista com Moacir Gadotti

Moacir Gadotti é Director do Instituto Paulo Freire e professor da Universidade de São Paulo (Brasil). Com ele tivemos a oportunidade de conversar, a propósito do II Congresso Ibero-americano de Pedagogia Social, organizado pela Universidade de Vigo em parceria com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, entre a Galiza (Allariz) e o Norte de Portugal (Chaves), em Setembro de 2007, com o título "Animação Sociocultural e Desenvolvimento Comunitário".

Nesta entrevista, Gadotti, também membro do Comité Executivo Internacional do Fórum Mundial da Educação, subscrive as ideias da democracia como o projecto educativo que John Dewey apresentou como sendo, mais que uma forma de governo, um verdadeiro modo de vida. Para este fim, há-de contribuir uma educação com marcado carácter social, que trabalhe para edificar um mundo digno, onde os direitos e deveres de cidadania sejam uma realidade universal. Um projecto onde a Pedagogia Social está firmemente comprometida, em coerência com a sua orientação para a melhoria da qualidade de vida das pessoas e dos povos.

Parte do que apresentamos aparece já referido no livro «La pedagogía de Paulo Freire y el proceso de democratización en Brasil», que Gadotti publicou em 2006, e onde lembrava que a ideia e o projecto de uma Escola Cidadã nasceu no Brasil nos finais da década de oitenta, a partir do movimento de educação popular, para definir uma prática educativa para e pela cidadania, que pretende contribuir para a criação de condições que facilitem o surgimento duma nova cidadania, como espaço de organização da sociedade para a defesa de todos os seus direitos. Uma definição do próprio Paulo Freire em 1997, quando na entrevista concedida à TV Educativa do Rio de Janeiro caracteriza a Escola Cidadã pela sua capacidade de exercitar a construção de cidadania.

A essa mesma cidadania planetária referir-se-á o professor Gadotti na conversa que transcrevemos. Uma noção que, sob a forma de cidadanias em plural, para a Europa é a questão central de uma educação que, no século XXI, necessita de democratas capazes de elaborar o seu projecto de convivência a partir dos princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

#### **O senhor escreveu um livro com o título "Educar para um outro mundo possível", defendendo um altermundismo. Quais as singularidades que caracterizam um cidadão altermundista?**

Diante dos efeitos perversos da globalização capitalista que divide hoje o mundo entre globalizadores e globalizados, contra esse tipo de globalização defendemos, em oposição, o paradigma da planetarização, que consiste em conceber a Terra como uma única comunidade, una e diversa. O nosso desafio é construir uma outra lógica - o altermundismo - e "reformular o pensamento", como diz Edgar Morin. Os paradigmas clássicos, arrogantemente antropocêntricos e industrialistas, não têm suficiente abrangência para explicar a realidade de hoje. Por não ter uma visão holística, não conseguiram dar nenhuma resposta para tirar o planeta da rota do exterminio e do rumo da cruel diferença entre ricos e pobres. Mais do que cidadãos deste ou daquele país, precisamos ser cidadãos do mundo, como sustentava o Fórum Global da Rio-92. O cidadão do mundo é aquele que não é estrangeiro em nenhum país. Podemos ser cidadãos do mundo sem perder as nossas raízes. Aliás, podemos ser cidadãos do mundo porque somos cidadãos de algum lugar. Uma coisa não anula a outra.

#### **Considera-se o senhor um "altermundista"?**

Como educadores precisamos ser coerentes. Como diz Gandhi, "precisamos de ser a mudança que pregamos", a nossa vida deve ser a nossa mensagem. Diz a letra de uma música do cantor brasileiro Milton Nascimento: "estrangeiro eu não vou ser; cidadão do mundo eu sou". Se as crianças das nossas escolas entendessem em profundidade o significado das palavras desta canção, estariam a iniciar uma verdadeira revolução pedagógica e curricular. Como posso sentir-me estrangeiro em qualquer território deste planeta se pertenço a um único território, a Terra? Não há lugar estrangeiro para terráqueos na Terra. Se sou cidadão do mundo, não podem existir para mim fronteiras. As diferenças culturais, geográficas, raciais e outras, esvaem-se diante do meu sentimento de pertença à humanidade, ao planeta Terra.

#### **Onde se sustenta essa noção de cidadania planetária?**

A noção de cidadania planetária sustenta-se na visão unificadora do planeta e de uma sociedade mundial. Ela manifesta-se em diferentes expressões, tais como: "nossa humanidade comum", "unidade na diversidade", "nosso futuro comum", "nossa pátria comum", "pátria grande" etc. Cidadania planetária é uma expressão adoptada para

expressar um conjunto de princípios, valores, atitudes e comportamentos que demonstra uma nova percepção da Terra. Trata-se de um ponto de referência ético indissociável da civilização planetária e da ecologia. A Terra concebida como "Gaia", um super-organismo vivo e em evolução. O que for feito a ela repercutirá em todos os seus filhos.

**A ideia de uma cidadania planetária não poderia caminhar para uma visão uniforme do mundo, inconcebível diante da diversidade, característica fundamental do ser humano?**

Não. Por isso é que insisto numa humanidade una e diversa, tal como é concebida pelo Fórum Social Mundial que considera a diversidade como um dos seus pilares e como a característica fundamental da humanidade. Por isso não pode haver um único modo de produzir e de reproduzir a nossa existência no planeta. O pensamento único neoliberal sustenta que só existe uma via para a humanidade que é o capitalismo. Ao contrário, sustentamos que não há um só caminho. Diante da diversidade humana haverá uma diversidade de caminhos. Diante da diversidade humana abre-se a possibilidade da diversidade de mundos possíveis. Ao pensamento único neoliberal não podemos opor outro pensamento único.

**Dentro dessa visão de mundo, qual é o papel da educação? Como educar para essa cidadania planetária?**

Educar para a cidadania planetária é educar para um outro mundo possível, ou melhor, para outros mundos possíveis. Educar para outros mundos possíveis é educar para a emergência do que ainda não é, o ainda-não, a utopia. Assim fazendo, estamos a assumir a história como possibilidade e não como fatalidade, como sustentava Paulo Freire. Por isso, educar para outros mundos possíveis é também educar para a ruptura, para a rebeldia, para a recusa, para dizer "não", para gritar, para sonhar com outros mundos possíveis. Denunciando e anunciando.

**Mas será que existirão outras possibilidades para este mundo, diante das condições, muitas vezes adversas, nas quais nós vivemos?**

O neoliberalismo concebe a educação como uma mercadoria, reduzindo as nossas identidades às de meros consumidores, desprezando o espaço público e a dimensão humanista da educação. Opondo-se a esse paradigma, a educação para outros mundos possíveis respeita e valoriza a diversidade, convive com a diferença, promovendo a intertransculturalidade que mostra tanto as diferenças culturais quanto o que há de comum entre as culturas, que é o ser humano. O núcleo central da concepção neoliberal da educação é a negação do sonho e da utopia. Por isso, uma educação para outros mundos possíveis é, sobretudo, a educação para o sonho, uma educação para a esperança.

**Por que você vem insistindo tanto na questão da mercantilização da educação hoje?**

Por que a mercantilização da educação é um dos desafios mais decisivos da história actual, porque ela sobrevaloriza o económico em detrimento do humano. Só uma educação emancipadora poderá inverter essa lógica, através da formação para a consciência crítica e para a desalienação. Educar para outros mundos possíveis é educar para a qualidade humana para "além do capital", como nos disse István Mészáros na abertura da quarta edição do Fórum Mundial de Educação, em Porto Alegre, em Janeiro de 2005. A globalização capitalista roubou às pessoas o tempo para o bem viver e o espaço da vida interior, roubou a capacidade de produzir dignamente as nossas vidas. Cada vez mais gente é reduzida a máquinas de produção e de reprodução do capital.

**Nesse contexto, o pensamento de Paulo Freire, dez anos depois da sua morte, continua ainda válido?**

Sem dúvida. Alguns certamente gostariam de deixar o pensamento de Paulo Freire para trás, na história das ideias pedagógicas, e outros gostariam de esquecê-lo, por causa das suas opções políticas. Ele não queria agradar a todos. Mas havia uma unanimidade em todos os seus leitores e todos os que o conheceram de perto: o respeito pela pessoa. O meu amigo Paulo, com o qual convivi 23 anos, sempre foi uma pessoa cordial, muito respeitosa. Podia discordar das ideias, mas respeitava as pessoas, mostrando um elevado grau de civilização. E mais: a sua prática do diálogo levava-o a respeitar também o pensamento daqueles e daquelas que não concordavam com ele. Devemos continuar a ler Paulo Freire porque ele ajuda-nos a entender o presente: o seu pensamento e a sua praxis político-pedagógica constituem-se num sólido referencial para todos nós, educadores de hoje e não só para os educadores porque o seu pensamento é interdisciplinar.

**A Europa olha para o Brasil como um cenário de contrastes de toda a ordem. O que lá acontece hoje, e o modo como se afrontem esses contrastes, poderia ser considerado um presságio do que se passará com o mundo?**

Sem dúvida, o Brasil é um país de contrastes. Somos ainda um país com um grande número de analfabetos e uma distribuição do rendimento das mais perversas. O governo Lula iniciou um grande programa de distribuição do rendimento, o "Bolsa Família", enfrentando grande oposição das oligarquias, mas ele ainda é insuficiente. O que nasceu de novo no Brasil, e que pode servir de motivo de esperança para o mundo, é o processo do Fórum Social Mundial. Ele foi o resultado de mais de 40 anos de luta da educação popular na América Latina, que criou uma nova cultura política e uma forte organização da sociedade civil.

**Nos seus livros encontramos que uma alternativa para outra escola possível é o projecto da Escola Cidadã. Qual é a sua opinião sobre o estado deste ideal pedagógico?**

O movimento da escola cidadã começou no final da década de 80 e início da década de 90 do século passado. Inicialmente esse movimento estava muito centrado na democratização da gestão e no planeamento participativo. Aos poucos ampliou as suas preocupações para a construção de um novo currículo (interdisciplinar, transdisciplinar, intercultural) e de relações sociais, humanas e intersubjectivas novas, enfrentando os graves problemas gerados pelo aumento da violência e da deterioração da qualidade vivida nas cidades e no campo. Quase duas décadas de inovação e de experimentação com base numa concepção cidadã da educação foram suficientes para gerar um grande movimento, uma perspectiva concreta de futuro para a escola, principalmente para a escola pública. Esse movimento demonstra que a sociedade civil está a reagir à tendência oficial neoliberal de internacionalização da agenda da educação com base nas "receitas" contidas em "recomendações" de organismos internacionais como o Banco Mundial e o FMI. Assim como o Movimento da Escola Nova, iniciado no final do Século XIX, representou, no início do século XX, um grande avanço, o Movimento da Escola Cidadã, iniciado no final do século XX, representa uma grande esperança de renovação para a educação do século XXI.

**Segundo Eduardo Galeano "quando tínhamos as respostas, mudaram-nos as perguntas". Então perguntaria, qual é hoje a principal pergunta educativa e social em questão no contexto de construção de um altermundo?**

Os zapatistas dizem que é perguntando que achamos o caminho. Saber perguntar é essencial. Por isso, Paulo Freire escreveu a Pedagogia da pergunta. A direita não tem roubado só as nossas perguntas. Tem roubado as nossas respostas, tem roubado as nossas bandeiras, desvirtuando-as. Não se trata, então, de negar as nossas antigas bandeiras porque os conservadores as tem desvirtuado. Ainda lutamos pela autonomia, pela justiça e pela liberdade. Essas bandeiras não envelheceram. Trata-se de mantê-las e reafirmá-las, aprendendo a cada momento, fazendo novas perguntas. E não se trata, por isso, de ter respostas prontas, acabadas, como alguns de nós tinham. Trata-se de construir novas perguntas e apostas em novas respostas, ouvindo mais do que proclamando as nossas verdades. Trata-se de valorizar a escuta antes da disputa; trata-se de politizar sem polemizar. Na velha esquerda sempre reafirmávamos as nossas verdades feitas, mesmo antes de escutar. Polemizamos demais porque temos muitas certezas. Com muitas certezas não vamos hoje muito longe.

**Por fim, qual o compromisso da Pedagogia Social para contribuir na construção de um mundo melhor?**

Há várias acepções e concepções de "pedagogia social". No Brasil ela é concebida como pedagogia dos direitos, pedagogia da inclusão social, atendendo demandas e necessidades de novos sujeitos sociais: população indígena, os remanescentes quilombolas, a população rural, a mulher, a criança e o adolescente, o idoso, o preso, a população de rua e os portadores de necessidades educativas especiais. A educação formal possui limitações para a inclusão social destes grupos e é preciso explorar as possibilidades que as práticas de educação não-formal oferecem para a construção da identidade, a recuperação da auto-estima, a preparação profissional e o desenvolvimento da consciência política e social. Não podemos sonhar com um outro mundo possível sem incorporar numa vida sustentável esses grandes sectores da sociedade, excluídos de todos os direitos. A pedagogia social caracteriza-se, pois, como um projecto de transformação política e social visando o fim da exclusão e da desigualdade, voltada, portanto, para as classes populares e para um futuro com justiça social.

**Entrevista conduzida por: Pablo Montero Souto**

## **SÍNTESE**

- *Mais do que cidadãos deste ou daquele país, precisamos ser cidadãos do mundo...*
- *O cidadão do mundo é aquele que não é estrangeiro em nenhum país.*
- *Como posso sentir-me estrangeiro em qualquer território deste planeta se pertenço a um único território, a Terra?*
- *A noção de cidadania planetária sustenta-se na visão unificadora do planeta e de uma sociedade mundial. Ela manifesta-se em diferentes expressões, tais como: "nossa humanidade comum", "unidade na diversidade", "nosso futuro comum", "nossa pátria comum", "pátria grande" etc.*
- *Diante da diversidade humana haverá uma diversidade de caminhos.*
- *Ao pensamento único neoliberal não podemos opor outro pensamento único.*
- *Educar para outros mundos possíveis é também educar para a ruptura, para a rebeldia, para a recusa, para dizer "não", para gritar, para sonhar com outros mundos possíveis.*
- *O neoliberalismo concebe a educação como uma mercadoria, reduzindo as nossas identidades às de meros consumidores, desprezando o espaço público e a dimensão humanista da educação.*
- *O núcleo central da concepção neoliberal da educação é a negação do sonho e da utopia.*
- *Cada vez mais gente é reduzida a máquinas de produção e de reprodução do capital.*
- *Assim como o Movimento da Escola Nova, iniciado no final do Século XIX, representou, no início do século XX, um grande avanço, o Movimento da Escola Cidadã, iniciado no final do século XX, representa uma grande esperança de renovação para a educação do século XXI.*
- *A direita não tem roubado só as nossas perguntas. Tem roubado as nossas respostas, tem roubado as nossas bandeiras, desvirtuando-as.*
- *Na velha esquerda sempre reafirmávamos as nossas verdades feitas, mesmo antes de escutar. Polemizamos demais porque temos muitas certezas. Com muitas certezas não vamos hoje muito longe.*